

#### **INDÚSTRIA BRASILEIRA CONFIRMA E GAÚCHA SUPERA EXPECTATIVAS**

*Entretanto ainda há um longo caminho para recuperar o que foi perdido nos últimos anos.*

O cenário previsto no final de 2017 para atividade industrial em 2018 foi, em grande parte, confirmado: a continuidade do processo de recuperação cíclica, na forma muito lenta, gradual e volátil, iniciado no final de 2016. Da mesma forma, foram ratificados os protagonismos da demanda interna como propulsor e da incerteza político-econômica, como o grande limitador do processo.

De fato, a redução dos juros e da inflação, a geração de emprego e o crédito menos restrito contribuíram para a trajetória positiva da demanda doméstica, limitada, sobretudo, pelo cenário eleitoral mais imprevisível desde a redemocratização, juntamente com o desemprego menor, mas ainda em nível elevado. O resultado líquido desses condicionantes foi um crescimento insatisfatório da demanda interna, que foi considerada pelos industriais o segundo maior entrave do setor em 2018, perdendo apenas para a elevada carga tributária.

O cenário externo também confirmou seu papel secundário com a situação pouco favorável ao comércio e investimentos em países emergentes. Apesar disso, as exportações industriais brasileiras cresceram 7,0% em 2018 até setembro. O acirramento da crise argentina impediu um desempenho melhor, afetando com mais intensidade as vendas externas gaúchas, que ficaram estagnadas no período. A taxa de câmbio foi outro elemento que influenciou negativamente, sendo considerada pelos industriais brasileiros o quarto maior problema enfrentado pelo setor em 2018. A volatilidade e a desvalorização afetaram o planejamento das empresas e os preços das matérias-primas.

A greve dos caminhoneiros acabou trazendo ainda mais instabilidade ao já conturbado cenário econômico, derrubando a atividade e aumentando os custos das empresas e a incerteza. Quase todos indicadores acusaram seus efeitos, muitos apresentando resultados históricos. Por conta do episódio, segundo as pesquisas, a logística de transportes foi considerada pelos empresários um dos principais problemas para indústria em 2018, sendo o que mais ganhou importância em relação a 2017.

Nesse cenário, os indicadores conjunturais, que avaliam a atividade industrial, tanto no país quanto no estado, apresentaram taxas positivas nas comparações com o ano passado, em grande parte, devido aos efeitos carregamento de 2017, que foram bastante positivos. Ou seja, não foi necessário crescer na margem para gerar uma taxa positiva no ano. A produção industrial brasileira, por exemplo, prevista para avançar 2,5% em 2018, deve ter um desempenho um pouco abaixo da previsão feita no final do ano passado: +3,0%. Já a indústria gaúcha surpreendeu positivamente: a projeção foi de 3,0%, mas deve aumentar 4,7%.

É importante ressaltar que recuperação não é crescimento. As altas das produções brasileira e gaúcha em 2017 e 2018 somadas não chegam a um terço do tombo acumulado nos três anos anteriores.

A expansão da indústria em 2018 foi heterogênea. Mais uma vez, foi grande o protagonismo de Veículos automotores, responsável por mais de 70% do crescimento da produção nacional e mais da metade da produção industrial gaúcha.

Nesse contexto, a confiança empresarial evoluiu em linha com o esperado diante da elevada incerteza e do fraco ritmo da economia que dominou o ano de 2018. De moderada (início do ano) a baixa (greve dos caminhoneiros), a confiança atingiu seu pico histórico em novembro

(eleições). As pesquisas mostraram ainda que a indústria diminuiu seu nível de ociosidade, não acumulou estoques indesejados e seus maiores obstáculos foram a elevada carga tributária, a demanda interna insuficiente e o alto custo da matéria-prima. Diante disso, o cenário em 2018 não foi muito propício aos investimentos. Os indicadores de intenção de investir da indústria seguiram a evolução da confiança: de moderada (início do ano) a baixa (greve dos caminhoneiros), voltou a crescer em novembro (eleições).

Para o próximo ano, a indústria nacional bem como a estadual deve seguir o processo de recuperação cíclica iniciada no ano passado e mantida em 2018. A produção brasileira deve crescer 3,2% em 2019, enquanto no Estado, deve aumentar um pouco menos, por conta da base maior, +3,0%.

O panorama projetado para o próximo ano mantém a demanda interna como propulsor do crescimento. A grande mudança é o fim da incerteza política, um dos principais fatores restritivos ao desempenho da indústria brasileira nos últimos anos. A incerteza, todavia, deve continuar no campo econômico, associada às dificuldades e ao ritmo do avanço das reformas, principalmente, a da Previdência. O cenário externo, por sua vez, não deve ajudar pelo canal comercial e deve continuar sendo um componente de incerteza e instabilidade pelo canal financeiro, principalmente sobre a taxa de câmbio, que vai depender também do contexto doméstico.

### Recuperação não é crescimento

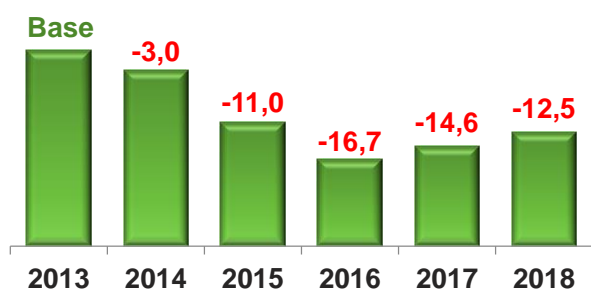
No ano passado, a indústria brasileira deixou para trás a mais longa e profunda recessão já registrada. Nos anos de 2014 (-3,0%), 2015 (-8,2%) e 2016 (-6,4%), a produção no Brasil caiu 16,7% e no Estado (-4,2%, -9,8% e -6,0%), recuou 18,5%. Respectivamente, as altas (de 2,5% e 0,5%) de 2017 e, se confirmadas, as previsões (de 2,5% e 4,7%) para 2018 somadas não chegam a um terço do tombo acumulado.

Com isso, a produção industrial do Brasil e do Rio Grande do Sul encerrará o ano de 2018 entre 12,5% e 14,2% abaixo dos níveis de 2013. Ou seja, apesar do melhor desempenho em 2018, a indústria gaúcha está um pouco mais distante dos níveis de 2013.

No ritmo previsto para 2018, a produção nacional só deve voltar aos patamares anteriores à crise (2013) em, aproximadamente, 5 anos. Já a recuperação gaúcha seria mais rápida, em 3 anos, mas, vale destacar que a taxa de 2018 (base para esta projeção) foi a maior desde 2010 e dificilmente se repetirá nos próximos anos diante das limitações do cenário econômico. Ademais, os resultados demonstram que, apesar das taxas diferentes em 2018, o ritmo de recuperação da indústria nacional e regional é semelhante.

**Gráfico 3.1. Produção Industrial – Brasil**

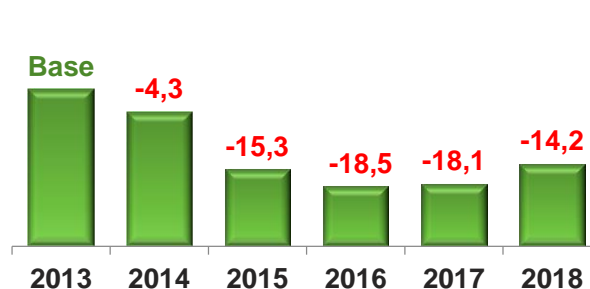
(Var. % em relação à base)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE

**Gráfico 3.2. Produção Industrial – RS**

(Var. % em relação à base)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

São, portanto, tempos de recuperação, e que ainda carece de consolidação, visto que depende das reformas e do ajuste fiscal. Há um longo caminho para recuperar o que foi perdido nos últimos anos.

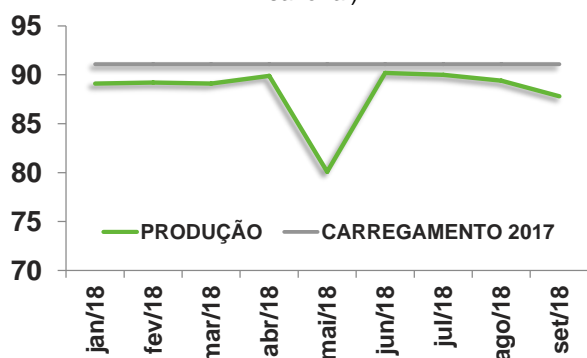
### **Indústria brasileira em 2018: Recuperação é muito lenta e desigual entre setores**

O cenário previsto para 2018 se confirmou, podendo ser comprovado pelos dois dos principais indicadores de atividade industrial brasileiro, a produção (IBGE) e o faturamento real (CNI). Os dois indicadores no final do ano passado deixaram um efeito carregamento – empurrão estatístico para 2018 – fortemente positivo: de 4,3%, no caso da produção, e de 3,0%, no caso do faturamento real. Isso significa que se ambos tivessem estabilizados no nível de dezembro de 2017 teriam registrado uma expansão anual nos mesmos percentuais. Ou seja, não precisavam crescer.

Foi o que aconteceu com o indicador de produção (com ajuste sazonal), que não conseguiu sustentar o patamar de dezembro de 2017 (base do carregamento), passando de um processo de estagnação na margem (em relação ao mês anterior) na primeira metade do ano, para uma desaceleração após a crise dos caminhoneiros. Diferentemente, o Faturamento real ficou estagnado no primeiro semestre, mas voltou a crescer no terceiro trimestre. A evolução descrita pelos indicadores é mostrada nos Gráficos 3.3 e 3.4..

**Gráfico 3.3. Produção Industrial – Brasil**

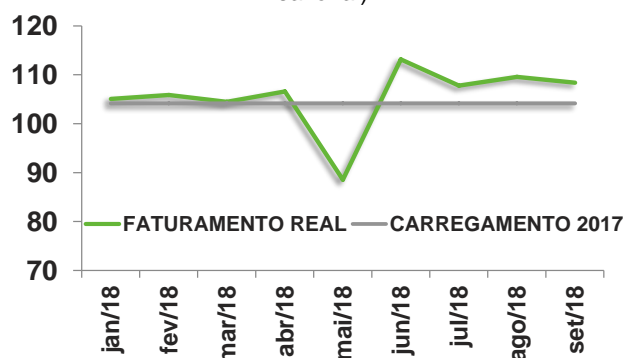
(Índice de base fixa mensal 2012=100 – com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

**Gráfico 3.4. Faturamento Real – Brasil**

(Índice de base fixa mensal 2012=100 – com ajuste sazonal)



Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

Em termos anuais, a produção brasileira mostrou uma desaceleração na taxa de crescimento: iniciou 2018 crescendo 2,8% no primeiro trimestre ante o mesmo período de 2017, 1,7% no segundo e 1,2% no terceiro, encerrando os nove primeiros meses com uma alta acumulada de %. Sem crescimento na margem, a taxa positiva só foi possível pelo efeito do carregamento de 2017 (+4,3%). No faturamento real, a desaceleração foi, relativamente, menor: de 6,4% para 5,4%, sendo uma boa parte da taxa também herança estatística (+3,0%).

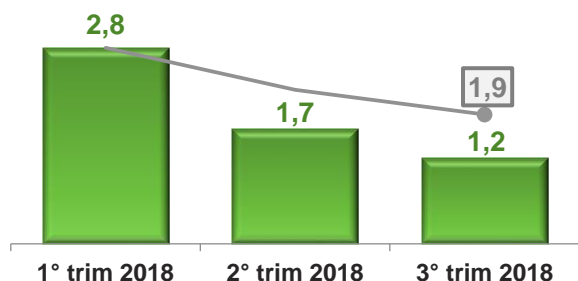
Essa diferença de 3,5 pontos entre os dois indicadores percentuais sugere: a) redução de estoques, b) bases diferentes (a produção cresceu 2,5% em 2017 e o faturamento estagnou); c) impacto da desvalorização cambial (13,0% de janeiro a outubro) no faturamento em reais, e d) introdução de componentes industriais importados no processo de fabricação.

Acrescenta-se que, apesar da alta mais intensa em 2018, o faturamento real esta mais distante dos níveis dos primeiros nove meses de 2013 do que a produção: -18,2% ante -13,3%.

**Gráfico 3.5. Produção Industrial – Brasil**

(Var % em relação)

■ Mesmo trimestre ano anterior — Acum. no ano

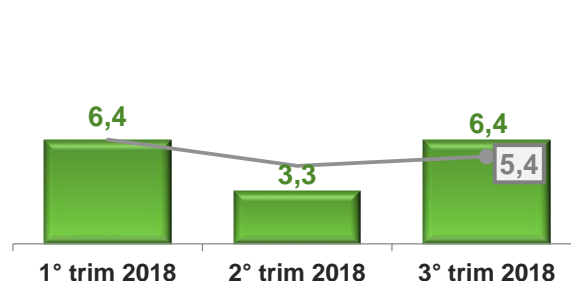


Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

**Gráfico 3.6. Faturamento Real – Brasil**

(Var % em relação)

■ Mesmo trimestre ano anterior — Acum. no ano



Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

A decomposição da produção por grandes categorias de uso, que agrega os produtos segundo o seu destino, mostrou um cenário predominantemente positivo em 2018, com destaque para Bens de consumo duráveis (+11,6%). O segmento, que responde por 10,2% da produção total, deu a maior contribuição para a expansão da indústria no ano, puxado por automóveis para passageiros (+15,2%) e eletrodomésticos da linha “marrom” (+11,1%) com destaque para aparelhos de recepção, reprodução, gravação e amplificação de áudio e vídeo. Melhores condições de crédito, inflação baixa, geração de empregos, juros menores, Copa do Mundo e maior confiança dos consumidores pesaram a favor do segmento, enquanto a taxa de desemprego e a incerteza elevados foram os principais entraves.

Apesar da taxa expressiva, a produção de Bens de consumo duráveis nos nove primeiros meses de 2018 apenas recupera parte das perdas e continua 22,2% abaixo do período equivalente de 2013.

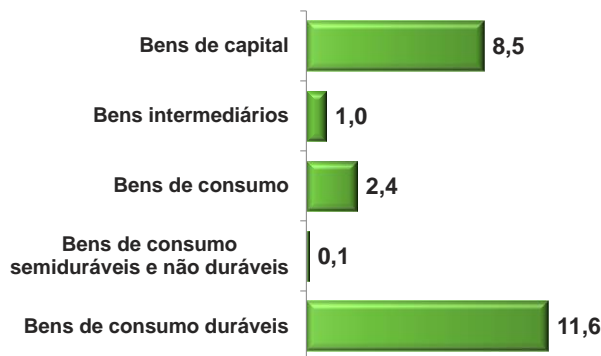
Os resultados também são positivos para o segmento de Bens de capital. A categoria, que responde por 30,6% da produção industrial brasileira, cresceu 8,5% nos primeiros nove meses de 2018 na comparação o mesmo período de 2017. Esse segmento, que ainda demonstra uma defasagem superior a 31,0% em relação ao mesmo período de 2013, foi impulsionado pela maior produção de equipamentos de transporte industrial (+15,5%), especialmente, caminhões e ônibus (+44,3%) e cabines, carrocerias e reboques para veículos automotores (+58,8%). O processo de renovação de frotas dos transportadores, que contaram também com o aumento de preços do frete, impulsionou o avanço desses segmentos. Destacaram-se também os segmentos de equipamentos de informática e periféricos (+28,5%) e máquinas e equipamentos de uso na extração mineral e na construção (+24,4%).

Já o segmento de Bens de consumo semi e não-duráveis, relativamente mais dependente da renda e do emprego, responsável por 23,3% da produção total, ficou estável nos primeiros nove meses de 2018 (+0,1%), reflexo do comportamento do mercado de trabalho ruim e da menor demanda externa por alimentos. Também foram fatores negativos, a greve dos caminhoneiros, o inverno menos rigoroso que o esperado, a paralisação das empresas durante a Copa do Mundo e o aumento dos Bens de consumo duráveis (de maior valor) e das importações do segmento.

Por fim, o maior segmento da indústria nacional, que responde por 59,7% do total, Bens intermediários (insumos, matérias-primas para a indústria e autopeças, além de aço, borracha e plásticos) cresceu somente 1,0% no período, sinalizando a recuperação lenta e gradual do setor industrial brasileiro como um todo, impactado também pelo crescimento das importações desses produtos (+12,3%) no período.

### Gráfico 3.7. Produção Industrial – Categorias de Uso – Brasil

(Var. % acum. em 2018 até setembro)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Numa perspectiva anual, a análise dos resultados mostra que além de lenta, a recuperação é desigual entre os setores. Há uma predominância de resultados positivos no acumulado de janeiro a setembro ante o mesmo período do ano passado: 16 dos 26 pesquisados. A indústria de Veículos automotores, reboques e carrocerias (+16,5%) forneceu, novamente em 2018, a maior contribuição para resultado agregado, com mais de 70% do total (1,36 p.p.), impulsionada por automóveis, caminhões, reboques e semirreboques, e autopeças. Outras contribuições positivas relevantes sobre o total nacional vieram de Metalurgia (+5,5%), de Coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (+1,9%), de Celulose, papel e produtos de papel (+5,8%), de Máquinas e equipamentos (+4,5%), de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (+8,0%), de Farmoquímicos e farmacêuticos (+4,5%) e de Borracha e plástico (+2,4%).

Por outro lado, as principais influências negativas vieram de setores ligados à Bens de consumo semi e não duráveis. Produtos alimentícios (-3,9%), foi de longe a maior (-0,63 p.p.), pressionada pela menor produção de açúcar cristal e VHP, carnes e miudezas de aves congeladas, rações e sucos concentrados de laranja. Vale destacar também os resultados negativos vindos dos setores de Vestuário e acessórios (-3,7%) e de Couro e calçados (-4,3%). As quedas das exportações, o inverno menos rigoroso que o esperado, a greve dos caminhoneiros, o maior gasto com a aquisição de bens duráveis são fatores que pressionaram o desempenho desses setores.

A decomposição setorial mostrou que o crescimento do faturamento real em 2018 também não foi compartilhado por todos os setores: dos 21, apenas doze registraram expansão na comparação entre os meses de janeiro a setembro de 2018 e 2017.

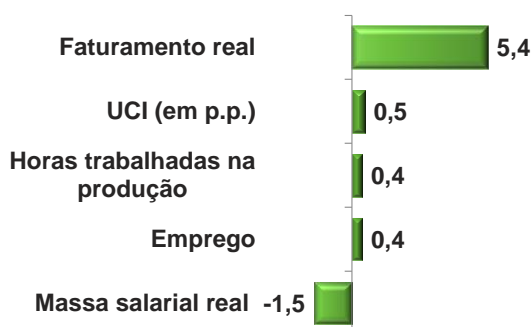
Os setores que forneceram as maiores contribuições positivas foram Alimentos (+7,5%), Veículos automotores, reboques e carrocerias (+11,2%), Máquinas e equipamentos (+20,2%), Metalurgia (+15,8%) e Químicos (+10,6%). Entre os nove setores que registraram queda no período, as maiores pressões vieram de Coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-7,8%), Bebidas (-14,2%), Têxteis (-13,9%), Farmoquímicos e farmacêuticos (-9,3%) e Impressão e reprodução de gravações (-20,6%).

Os indicadores divulgados pela CNI complementam as informações sobre a evolução da atividade industrial em 2018, corroborando a lentidão e gradualismo da recuperação em curso.

Conforme mostra o Gráfico 3.8, as horas trabalhadas na produção (+0,4%) acompanharam o ritmo lento da produção, assim como o nível de emprego (+0,4%). A conclusão que se poderia tirar desses números é de um ligeiro aumento da produtividade, já que os dois indicadores cresceram menos que a produção. A UCI registrou um grau médio no ano de 77,7%, 0,5 p.p. apenas a mais do que no mesmo período de 2017. Nesse período, a massa salarial real foi o único indicador que caiu, -1,5%.

**Gráfico 3.8. Indicadores Industriais do Brasil**

(Var. % acum. em 2018 até setembro)



Fonte: CNI. Elaboração: FIERGS/UEE.

A Tabela 3.1 mostra os resultados setoriais para os principais indicadores industriais divulgados no país, evidenciando que o crescimento em 2018 não é compartilhado por todos.

**Tabela 3.1. Indicadores de conjuntura – Indústria do Brasil – Setores**

(Var. % acum. em 2018 até setembro)

	Faturamento real	Horas trabalhadas na produção	UCI*	Emprego	Massa salarial real	Produção
Extrativa	-	-	-	-	-	0,3
Alimentos	7,5	1,0	-1,9	-0,2	0,1	-3,9
Bebidas	-14,2	2,3	-0,6	0,8	2,0	1,4
Tabaco	-	-	-	-	-	-3,9
Têxteis	-13,9	-4,8	2,7	-1,3	7,6	-1,7
Vestuário e acessórios	-5,9	-4,7	-1,2	-2,8	-3,5	-3,7
Couros e calçados	3,4	-1,5	-0,7	-0,6	5,6	-4,3
Produtos de Madeira	6,5	-2,4	2,6	0,3	-2,0	4,5
Celulose, papel e produtos de papel	0,9	-2,6	0,6	-1,5	0,0	5,8
Impressão e Reproduções de gravações	-20,6	-10,5	0,3	3,9	-2,1	-2,2
Derivados de petróleo e biocombustíveis	-7,8	1,2	-7,6	-0,6	-3,1	1,9
Químicos	10,6	-3,9	1,8	-3,1	-8,4	-
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	0,5
Farmacêuticos	-9,3	17,2	0,6	5,8	-10,4	4,5
Sabões, detergentes, prods de limpeza, cosm.	-	-	-	-	-	1,2
Borracha e de material plástico	-2,1	3,4	2,8	-0,3	-1,3	2,4
Minerais não metálicos	7,4	-1,7	2,5	-2,9	-5,7	-0,3
Metalurgia	15,8	7,1	2,6	4,3	4,5	5,5
Produtos de metal	7,8	1,9	-0,8	4,1	0,3	2,0
Equip. inform, prod. eletrônicos e óticos	-	-	-	-	-	8,0
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	3,0	-4,8	0,8	1,9	1,6	-0,8
Máquinas e equipamentos	20,2	2,6	3,5	1,7	-3,7	4,5
Veículos automotores	11,2	9,0	4,2	6,2	5,0	16,5
Outros equipamentos de transporte	1,0	-29,0	0,0	-17,1	-35,0	-1,0
Móveis	-1,7	1,5	-0,3	3,7	4,8	1,6
Produtos diversos	-5,1	-2,1	2,7	-3,7	-2,1	-1,3
Manutenção, rep. e inst. de máq. e equipam.	-	-	-	-	-	0,7
<b>Indústria de transformação</b>	<b>5,4</b>	<b>0,4</b>	<b>0,5</b>	<b>0,4</b>	<b>-1,5</b>	<b>2,2</b>
<b>Indústria geral</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1,9</b>

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: FIERGS/UEE.

\* Em pontos percentuais.

## Indústria gaúcha cresce mais que a brasileira, acelerando o ritmo no terceiro trimestre

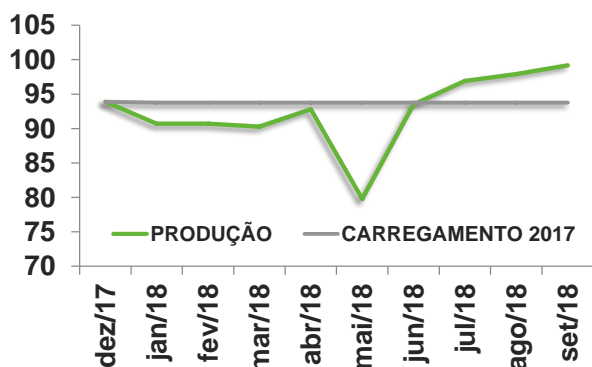
Compartilhando o mesmo cenário econômico, a indústria gaúcha evoluiu em 2018 além da indústria nacional e do esperado no final do ano passado. A evolução pode ser dividida em dois estágios distintos: o primeiro semestre com um ritmo muito baixo e o terceiro trimestre em crescimento acelerado, especialmente na produção.

Com heranças estatísticas positivas de 6,3% e 3,5%, respectivamente, a produção industrial e o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), termômetro do nível de atividade no Estado, evoluíram positivamente em 2018, mas de forma irregular.

Conforme ilustram os Gráficos 3.9 e 3.10, no início do ano, os indicadores mostravam desaceleração na margem, sobretudo no primeiro trimestre. A produção industrial gaúcha em março estava 3,9% abaixo de dezembro de 2017 (base do carregamento), com ajuste sazonal, desempenho em linha com o IDI/RS (-3,6%). Em abril, ocorreu uma recuperação, interrompida pela greve dos caminhoneiros no mês seguinte. Apenas no terceiro trimestre de 2018, a tendência de recuperação ganha intensidade. A produção dispara (+10,5% sobre o segundo trimestre). Em setembro, último dado disponível, os dois indicadores estavam, respectivamente, 3,0% e 0,9% acima do último mês do ano passado.

**Gráfico 3.9. Produção Industrial – RS**

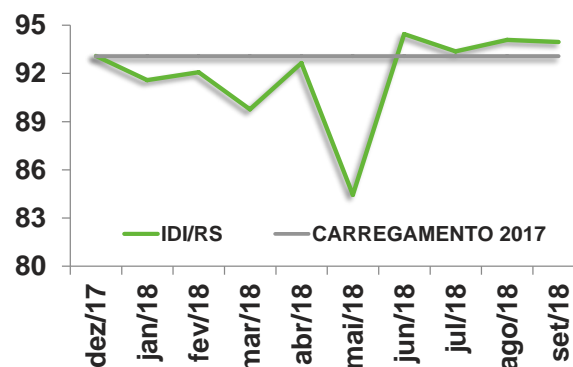
(Índice de base fixa mensal 2012=100 – com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

**Gráfico 3.10. Índice de Desempenho Industrial – RS**

(Índice de base fixa mensal 2006=100 – com ajuste sazonal)



Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

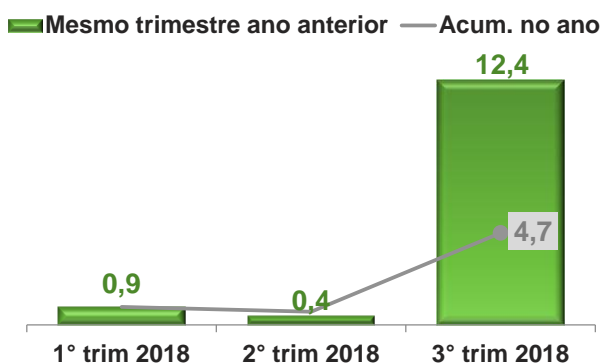
O baixo dinamismo da primeira metade do ano e a retomada no terceiro trimestre evidenciados na margem também são visíveis quando os números de 2018 são comparados com o ano anterior.

A produção industrial gaúcha, depois de registrar taxas próximas da estabilidade no primeiro (+0,8%), no segundo (+0,4%) trimestre e, por consequência, no primeiro semestre (+0,7%), cresceu 12,4% no terceiro, encerrando os nove primeiros meses do ano com avanço de 4,7%. Todos comparados com o período equivalente do ano passado. Comportamento semelhante, ainda que bem menos intenso, mostrou o IDI/RS, que passou de 1,9% de alta nos primeiros seis meses para 2,6% no acumulado até setembro.

Entre os componentes do Índice de Desempenho Industrial gaúcho (IDI/RS), o faturamento real e as compras industriais (insumos e matérias-primas) apontaram um ritmo mais intenso, exibindo crescimentos de 3,6% e 10,0%, respectivamente, no acumulado dos primeiros nove meses de 2018 na comparação com igual período do ano passado. Já o emprego (+0,9%) acompanhou a direção do ciclo, registrando alta menor. A indústria gaúcha operou, em média,

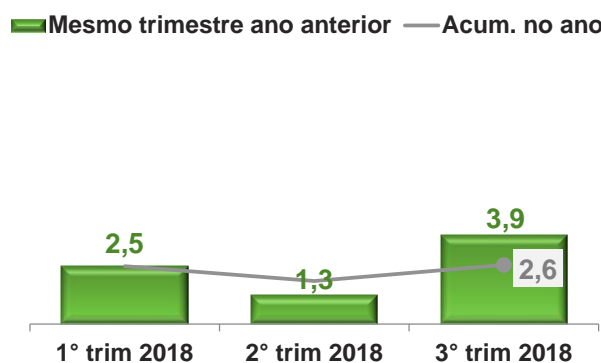
com 80,3% de sua capacidade produtiva nos nove primeiros meses do ano, 1,5 p. p. maior que a do mesmo período de 2017. Já as horas trabalhadas na produção (-0,5%) e a massa salarial real (-2,8%) caíram no mesmo período de comparação.

**Gráfico 3.11. Produção Industrial – RS**  
(Var. % em 2018)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

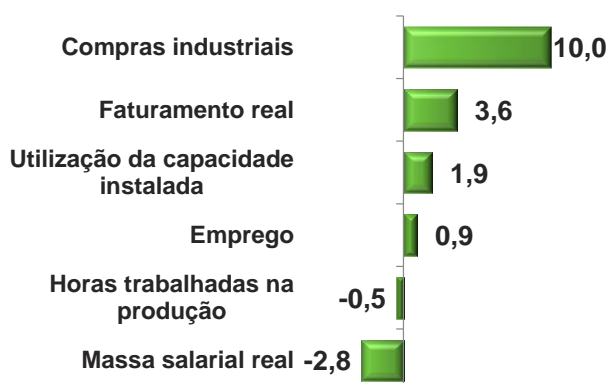
**Gráfico 3.12. Índice de Desempenho Industrial – RS**  
(Var. % em 2018)



Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Os desempenhos inferiores do emprego e das horas trabalhadas comparativamente ao da produção (+4,7%) indicam um aumento da produtividade da indústria gaúcha em 2018. Esses resultados são apresentados no Gráfico 3.13.

**Gráfico 3.13. Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul**  
(Var. % acum. em 2018 até setembro)



Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

A recuperação da indústria gaúcha em 2018 foi menos assimétrica entre os setores que a brasileira. Dos quatorze pesquisados no RS, dez mostram expansão da produção no ano, mas apenas quatro crescem acima da média geral, sendo que dois – Veículos automotores e Celulose e papel (+36,8%) – respondem por mais de 80% dela.

Assim como no País, mais uma vez, o setor de Veículos automotores foi o principal responsável pelo aumento da produção no Estado, crescendo 21,1% nos primeiros nove meses de 2018, relativamente a igual período de 2017, e contribuindo com 2,5 pontos percentuais, mais da metade da taxa global de 4,2% no período. Assim como no Brasil, o avanço reflete, em grande parte, o segmento voltado aos bens de capital, como reboques e semirreboques, carrocerias de ônibus, além das autopeças (bens intermediários). No caso ds reboques e semirreboques, o principal fator foi o processo de renovação de frotas dos transportadores, que contaram ainda com



aumento dos preços do frete. Vale destacar, porém, que essa alta expressiva trata-se apenas de uma retomada: a metade da queda verificada no ciclo recessivo de 2014 a 2016, precisando crescer ainda 40% para atingir os níveis de produção de 2013.

A intensidade desse cenário se propagou pela cadeia produtiva, em especial, no segmento de bens intermediários, tais como os setores de Produtos de metal (+9,8%) e de Metalurgia (+13,3%) que também tiveram influências relevantes no desempenho industrial gaúcho em 2018. O resultado da Metalurgia também contou com as exportações (+34,7%).

O setor de Celulose e papel, com uma alta de 36,6% em 2018 ante 2017, forneceu o segundo maior impacto positivo no dado geral. Além disso, ele é um dos dois únicos setores que produzem em nível acima do mesmo período de 2013: +106,2%. O resultado positivo reflete o desempenho das exportações, que, no mesmo período, cresceram 82% em Dólar. Vale lembrar, que em 2015 a principal empresa do setor no estado ampliou sua capacidade de produção e no ano passado foi afetada por uma longa e inesperada parada para manutenção.

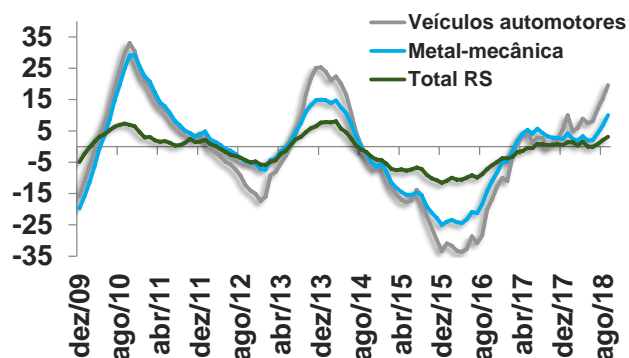
O setor de Máquinas e equipamentos (+3,2%) também contribuiu de forma relevante devido à maior produção de máquinas para extração ou preparação de óleo ou gordura animal ou vegetal, tratores agrícolas e aparelhos elevadores ou transportadores para mercadorias. Outras máquinas e implementos agrícolas (semeadores, plantadeiras ou adubadores) pressionam negativamente, em linha com a queda das exportações de máquinas agrícolas (-19,4% de janeiro a setembro de 2018 sobre o mesmo período de 2017), sobretudo para a Argentina.

As quedas setoriais mais importantes foram registradas na produção de Químicos (-2,9%), sobretudo petroquímicos, que teve uma redução nas exportações (-26,0%) devido, em grande parte, a uma parada programada para manutenção em uma grande unidade produtora; Bebidas (-6,9%), vinhos, champanha e refrigerantes, devido à queda na safra da uva (-18,0%) no Estado e a mudança na tributação para refrigerantes. Alimentos (-0,7%) como suco de frutas e carnes de aves, impactada pelas dificuldades para as exportações provocadas por barreiras criadas por importantes parceiros comerciais (União Europeia, Arábia Saudita e China), além da greve dos caminhoneiros que afetou a todos.

Em termos setoriais, os Indicadores Industriais do RS avançaram em dez dos dezessete setores pesquisados. Os resultados também corroboram o protagonismo do segmento metal-mecânico, sobretudo, Veículos automotores, cuja atividade cresceu 16,5% no acumulado de janeiro a setembro de 2018 ante a igual período do ano passado, exibindo taxas expressivas no faturamento (+17,0%), nas horas trabalhadas na produção (+18,1%), no emprego (+18,7%) e nas compras industriais (+17,3%).

**Gráfico 3.14. Produção Industrial – RS**

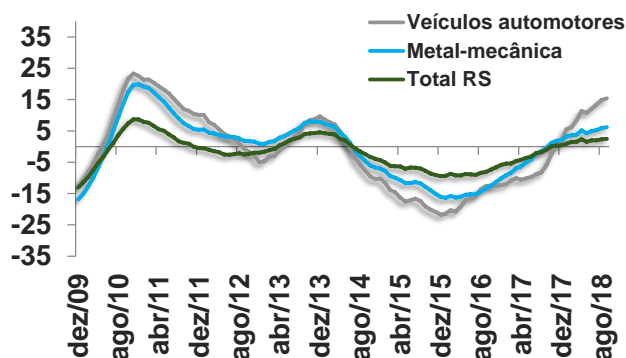
(Var. % em doze meses)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

**Gráfico 3.15. Índice de Desempenho Industrial – RS**

(Var. % em doze meses)



Fonte: FIERGSI/Indicadores Industriais do RS. Elaboração: FIERGS/UEE.

No mesmo sentido, as indústrias de Metalurgia (+16,9%), Produtos de metal (+3,7%), Borracha e plásticos (+3,3%) e Tabaco (+2,5%) também deram contribuições importantes para o desempenho positivo da atividade industrial em 2018. Em sentido contrário, as atividades de Bebidas (-2,1%), Têxteis (-7,9%) e Vestuário e acessórios (-6,8%) forneceram os maiores impactos negativos.

Portanto, novamente, confirma-se a importância do complexo metal-mecânico no desempenho da indústria gaúcha. O segmento foi responsável por quase 84,0% do resultado global da produção, muito superior aos 28,0% de participação no PIB industrial gaúcho e, sustentou todo o crescimento do faturamento, mesmo correspondendo a um quarto da receita de vendas industriais do estado. O setor de Veículos automotores sozinho foi responsável por 80% do crescimento do faturamento total da indústria gaúcha do ano. Os Gráficos 3.14 e 3.15 ilustram a forte associação entre os desempenhos do segmento metal-mecânico da indústria gaúcha ao longo do tempo.

Na Tabela 3.2 são mostrados os resultados setoriais para o ano de 2018 dos principais indicadores de conjuntura divulgados para a indústria gaúcha. Fica claro, que também no Rio Grande Sul, nem todos os setores compartilham as taxas positivas em 2018.

**Tabela 3.2. Indicadores de conjuntura – Indústria do Rio Grande do Sul – Setores**  
(Var. % acum. em 2018 até setembro)

	Faturamento real	Compras industriais	UCI*	Horas trabalhadas na produção	Emprego	Massa salarial real	IDI	Produção
Alimentos	-6,1	-3,4	-1,0	0,5	1,3	2,7	0,7	-0,4
Bebidas	-14,5	2,9	-0,2	8,0	-0,1	-5,2	-2,1	-7,3
Tabaco	16,1	10,5	-	-2,4	0,4	-2,0	2,5	-3,5
Celulose, papel e prods. de papel	-	-	-	-	-	-	-	36,7
Têxteis	-26,8	-11,0	8,2	-7,5	-6,9	-3,6	-7,9	-
Vestuário e acessórios	-14,8	-9,6	15,4	-11,4	-6,1	-8,0	-6,8	-
Couros e calçados	4,8	6,5	-0,7	-4,7	-3,4	-4,3	-0,4	2,3
Couros	-1,3	10,5	-4,8	5,0	-3,9	-6,5	2,3	-
Calçados	5,6	6,0	-0,5	-5,1	-3,4	-4,6	-1,3	-
Produtos de Madeira	19,8	1,0	1,5	-4,4	-2,6	0,4	2,7	-
Impressão e Reprod. de gravações	-26,7	-24,1	-	-1,2	0,8	1,1	-8,1	-
Químicos, der. de petróleo e biocomb.	-2,0	18,0	-2,9	-10,0	3,5	-1,4	0,1	-
Derivados de petróleo e biocomb.	-	-	-	-	-	-	-	4,1
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-	-	-2,9
Borracha e de material plástico	4,8	18,0	1,3	-1,4	1,0	0,7	3,3	-4,5
Borracha	-0,4	11,0	0,2	-4,1	0,3	-1,0	-0,2	-
Minerais não-metálicos	-	-	-	-	-	-	-	2,7
Metalurgia	12,2	51,4	10,4	9,1	1,0	-16,0	16,9	12,2
Produtos de metal	2,5	18,2	2,5	0,4	2,6	-0,7	3,7	9,8
Equip. inform, eletrônicos e óticos	22,9	43,3	1,0	-1,9	0,7	1,8	19,5	-
Máquinas, apar. e mat. elétricos	1,7	0,8	2,8	-7,4	-7,4	3,9	-0,3	-
Máquinas e equipamentos	0,4	9,0	2,0	-1,0	-2,9	-5,2	1,0	3,2
Máquinas agrícolas	-3,6	8,1	-1,3	-2,0	-5,0	-3,6	-0,3	-
Veículos automotores	17,0	17,3	6,9	18,1	18,7	-5,6	16,5	21,1
Móveis	-2,2	-1,6	1,0	1,4	3,5	-3,4	-0,4	3,6
<b>Indústria total</b>	<b>3,6</b>	<b>10,0</b>	<b>1,5</b>	<b>-0,5</b>	<b>0,9</b>	<b>-2,8</b>	<b>2,6</b>	<b>4,7</b>

Fonte: FIERGS-IBGE. Elaboração: FIERGS/UEE.

\* Em pontos percentuais.

### **A avaliação dos empresários: confiança, de moderada a baixa, dispara com o resultado das eleições**

Além dos indicadores de natureza quantitativa apresentados até aqui, é importante completar o diagnóstico do cenário econômico da indústria em 2018 analisando também elementos subjetivos obtidos através da Sondagem Industrial, pesquisa de opinião com empresários do setor. Dada a semelhança da opinião dos empresários gaúchos e brasileiros, avaliaremos conjuntamente seus resultados.

O principal indicador, muito associado às condições econômicas, é o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI), pois confiantes, os empresários tendem a aumentar investimentos, a produção e o emprego. Ocorre o inverso, na ausência da confiança.

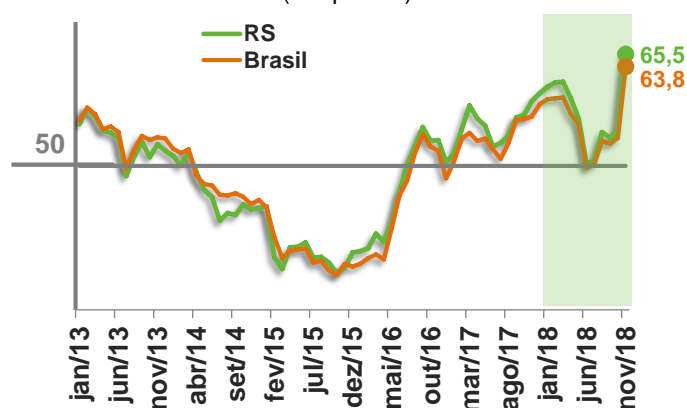
Crescendo desde o segundo semestre de 2017, o ICEI atingiu no primeiro trimestre seu maior nível em 2018, com a perspectivas de crescimento econômico, inflação controlada, juros em queda e a possibilidade de aprovação da Reforma da Previdência. Nos meses de abril e maio, o insucesso da Reforma da Previdência, a incerteza política crescente, o desempenho econômico abaixo do esperado, a volatilidade do câmbio e a maior instabilidade externa impactavam negativamente o otimismo empresarial, interrompendo sua trajetória ascendente, mas ainda mantendo-a em nível positivo.

Mas, em junho e julho, a confiança registrou a segunda maior queda desde 2010, atingindo os menores níveis desde o início de 2017, quando então refletia os efeitos da crise dos caminhoneiros. Nos meses seguintes, com a dispersão de seus efeitos, a confiança recupera parte do terreno perdido, sem retornar, todavia, aos níveis anteriores a junho, contida também pelo quadro eleitoral que se apresentava cada vez mais polarizado e incerto.

Porém, em novembro (último dado disponível), com a eleição de um candidato a Presidente da República aparentemente comprometido com as reformas estruturais e o ajuste fiscal, a confiança disparou e atingiu o maior valor desde abril de 2010 (67,7 pontos), registrando crescimento recorde.

**Gráfico 3.16. Índice de Confiança do Empresário Industrial – Brasil e RS**

(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

A abertura por componentes – condições atuais e expectativas – mostra comportamentos comuns: até maio de 2018 mantinham-se acima da linha divisória dos 50 pontos, o que significa, respectivamente, condições atuais melhores e expectativas otimistas, embora já mostrassem algum declínio, sobretudo, com relação às avaliações da economia brasileira.

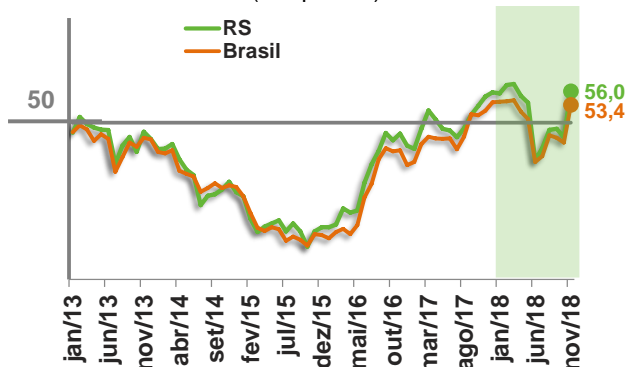
As trajetórias descendentes se acentuam em junho com a greve dos caminhoneiros, jogando os indicadores de condições atuais para o terreno negativo (abaixo os 50 pontos), que só se recupera em novembro, quando registrou a maior alta mensal (+8,8 pontos) já registrada e atingiu 56,0 pontos. De junho a outubro, a confiança empresarial passa a ser sustentada exclusivamente pelas expectativas, que também recuaram, mas mantiveram-se positivas.

Com o resultado do segundo turno da Eleição presidencial, o índice de expectativa em novembro dispara e alcança 70,2 pontos, 11,5 pontos a mais do que o mês anterior, a maior alta desde 2010, início da série histórica do indicador. O otimismo com o futuro da economia brasileira em novembro não era tão grande desde abril de 2010.

As expectativas dos empresários de um futuro melhor para a economia brasileira são indícios relevantes que sugerem a manutenção do processo de recuperação da atividade industrial em 2019, no Brasil e no RS.

**Gráfico 3.17. Índice de Condições Atuais**

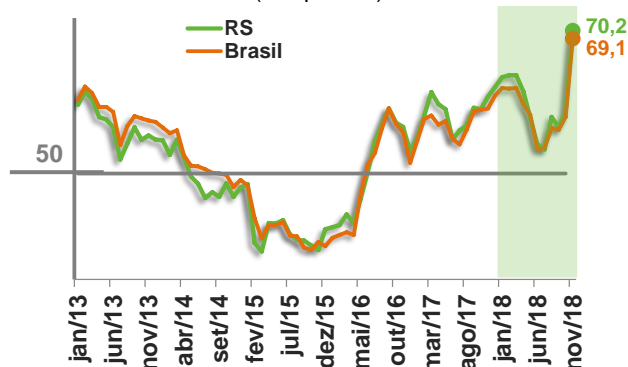
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

**Gráfico 3.18. Índice de Expectativas**

(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

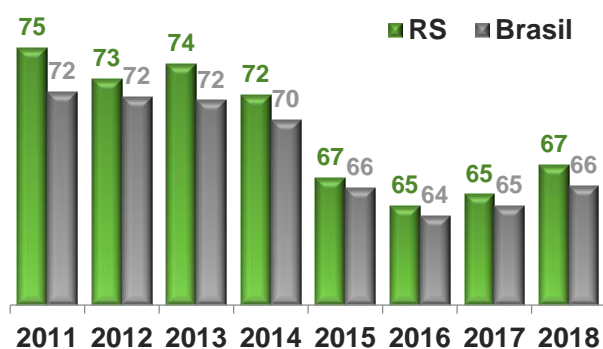
Entre os temas tratados pela Sondagem Industrial, um se destaca mostrando o nível de ociosidade do setor, pois, além de ser mais um indicativo importante para avaliar a evolução da atividade, demonstra a disponibilidade da oferta de atender uma retomada da demanda sem pressões inflacionárias e a necessidade de investimentos.

Dois indicadores são divulgados: o grau médio de utilização da capacidade instalada (UCI) e a UCI em relação ao usual. O primeiro é divulgado em forma de percentual médio, variando de zero a 100% (capacidade plena) e o segundo, variando de zero a 100 pontos, tendo os 50 pontos como marca divisória entre UCI acima e abaixo do nível usual.

Os resultados mostram que grande parte da indústria brasileira e gaúcha operou com ociosidade em 2018, ainda que menor do que o ano anterior. O grau médio de utilização da capacidade instalada (UCI) aumentou 2 p.p. e 1 p.p. para 67% e 66% na média anual até setembro no Brasil e no Estado, respectivamente, em relação ao ano passado. Assim como os demais indicadores, entretanto, não voltou aos patamares anteriores à crise (2013), quando giravam em torno de 74% no país e 72,0% no estado.

**Gráfico 3.19. Utilização da Capacidade instalada (Grau médio)**

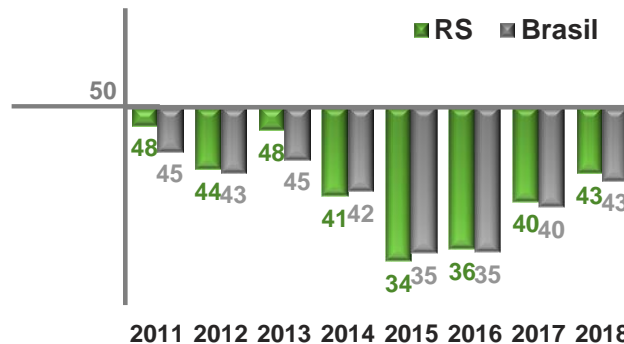
(Em %)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

**Gráfico 3.20. Índice UCI efetiva-usual**

(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

No mesmo sentido, o indicador de UCI-efetiva usual, que leva em conta o nível de uso habitual, permaneceu abaixo da linha divisória dos 50 pontos em 2018. Nesse patamar, o índice

revela que os empresários consideraram o uso do parque produtivo abaixo do normal ao longo de 2018, embora venha se aproximando, em linha com o processo de recuperação do setor.

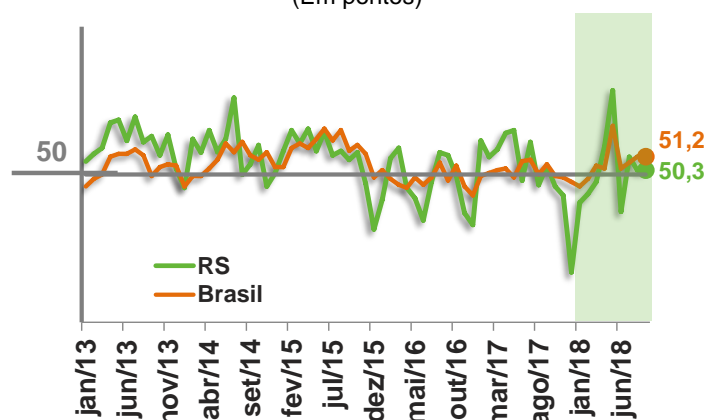
Portanto, a ociosidade na indústria não ajuda os investimentos, mas significa espaço para uma maior intensidade da produção no curto prazo e médio prazo sem pressões inflacionárias. Esgotada a capacidade ociosa, dependendo ainda de outros fatores, as empresas retomam investimentos.

Outro indicador importante da Sondagem revela o comportamento dos estoques. O acúmulo de estoques é causado por vendas inferiores às esperadas e repercutem negativamente na produção futura, causando, em casos de grande acumulação, reduções nas jornadas de trabalho e férias coletivas.

De fato, percebe-se no Gráfico 3.21, que apenas em maio em 2018, devido à greve dos caminhoneiros, houve acúmulo importante no Brasil e no Estado. Na maior parte do ano, os indicadores que os medem ficaram próximos dos 50 pontos, que denotam estoques compatíveis com o nível planejado pelas empresas. Em outubro, último dado disponível, a indústria gaúcha já tinha equalizado o excesso de maio, enquanto a nacional estava próximo do ajuste.

Percebe-se, portanto, que os estoques ajudaram a produção industrial em 2018 e não devem ser um fator de restrição ao desempenho da indústria nos próximos meses.

**Gráfico 3.21. Indicadores de estoques em relação ao planejado – Brasil e RS**  
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

A Sondagem Industrial também procura saber trimestralmente quais os principais problemas enfrentados pelas empresas. De acordo com as indústrias entrevistadas em 2018, a elevada carga tributária continua sendo o maior entrave ao desempenho do setor: cerca de quatro em cada dez empresários brasileiros assinalaram a alternativa. De caráter estrutural, a carga tributária figura quase sempre no topo desse *ranking*, sendo um dos principais fatores que determinam a baixa de competitividade do setor.

A demanda interna foi considerada insuficiente pelos empresários, sendo o segundo maior problema enfrentado pelas empresas no ano, percebido com mais intensidade no Estado do que no Brasil. De fato, apesar do crescimento, os condicionantes mais positivos foram insuficientes para gerar um desempenho satisfatório da demanda interna neste ano.

A falta ou alto custo da matéria-prima foi o terceiro maior obstáculo enfrentado pela indústria em 2018, sendo mais relevante para os empresários gaúchos, devido à desvalorização cambial e ao aumento dos preços internacionais, que impactou a cadeia produtiva do setor. O índice preços ao produtor (IPP/IBGE) de bens intermediários cresceu nos últimos doze meses encerrados em setembro 26,1%, puxado por derivados de petróleo, petroquímicos, minérios de

ferro beneficiados, produtos siderúrgicos e adubos e fertilizantes. A capacidade limitada de repasse aos preços, diante do crescimento econômico modesto, impacta as margens das empresas, inibindo os investimentos.

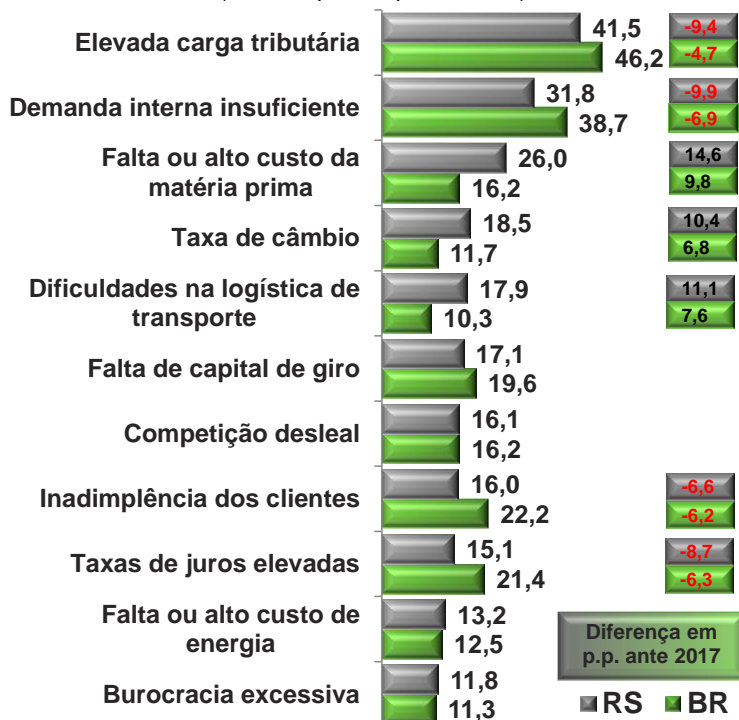
A taxa de câmbio com a sua trajetória de desvalorização e de muita volatilidade em 2018, foi o quarto maior problema enfrentado pela indústria brasileira em 2018. A desvalorização provoca aumento nos preços dos insumos importados, enquanto a volatilidade impacta o planejamento das empresas. Com seu perfil relativamente mais exportador, a taxa de câmbio afeta mais intensamente a indústria gaúcha.

Os empresários gaúchos e brasileiros, elencam ainda, com percentuais similares, a logística de transporte, a falta de capital de giro, a inadimplência dos clientes, a competição desleal, as taxas de juros, a burocracia excessiva e a falta ou alto custo de energia.

Na comparação com 2017, ganharam maior importância, os problemas com a logística de transporte, a taxa de câmbio e a falta ou alto custo da matéria prima. Por outro lado, perderam importância relativamente ao ano passado, principalmente, a demanda interna insuficiente, a elevada carga tributária, as taxas de juros elevadas e a inadimplência dos clientes.

**Gráfico 3.22. Principais problemas enfrentados em 2018 – Brasil e RS**

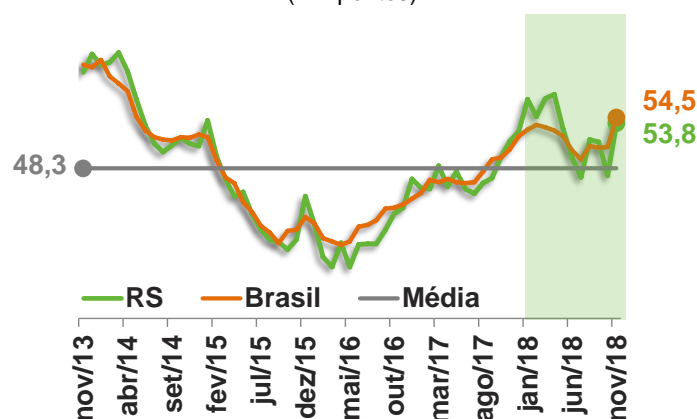
(Em % e pontos percentuais)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Diante desses problemas, o cenário em 2018 não foi muito propício aos investimentos da indústria. Os indicadores de intenção de investir iniciaram o ano em alta, principalmente no Estado, exibindo no primeiro quadrimestre seus maiores valores, bem acima das médias históricas, que são iguais para ambos. Em maio, inicia o processo de acomodação, acompanhando o menor otimismo econômico e o avanço da incerteza eleitoral. Em junho, com a greve dos caminhoneiros, a desaceleração ganha força e em julho atingem suas mínimas no ano. Nos três meses seguintes, há uma ligeira recuperação, que em novembro se intensifica com os resultados das eleições, mas sem voltar aos níveis do início do ano. Quanto maior o índice, maior é a disposição para o investimento e, portanto, as perspectivas no curto prazo para os investimentos industriais, com o aumento em novembro, ficaram um pouco mais animadoras.

**Gráfico 3.23. Indicadores de Intenção de Investir – Brasil e RS**  
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

### **Perspectivas para 2019 – Indústria segue recuperação em todos os cenários**

A produção industrial brasileira deve avançar 2,5% em 2018, desempenho um pouco abaixo da previsão feita no final do ano passado: +3,0%. Já a produção da indústria gaúcha surpreendeu positivamente: a projeção foi de 3,0%, mas deve crescer 4,7%. O nível de atividade no estado, medido pelo Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), deve encerrar 2018 crescendo 3,0%, um pouco menos do que os 3,6% sugeridos pelo cenário básico. Portanto, em linhas gerais, os resultados confirmaram as projeções realizadas no final do ano passado.

Para 2019, em todos os cenários propostos, tanto o setor industrial brasileiro quanto o gaúcho devem continuar crescendo. Com o desfecho da eleição, a incerteza política, um dos principais fatores restritivos ao desempenho da indústria brasileira nos últimos anos, diminuiu e deve tornar o cenário político-econômico menos nebuloso no ano que vem. Sem crises políticas e sem efeito carregamento de 2018, o desempenho positivo projetado para 2019, mantém o protagonismo da demanda interna, que deve continuar se beneficiando da baixa inflação, das taxas de juros menores e melhores condições no mercado de trabalho e de crédito. O desemprego ainda elevado deve ser um elemento restritivo.

O cenário externo deve continuar sendo um componente de incerteza e instabilidades, principalmente para a taxa de câmbio. Mesmo com a projeção de crescimento mundial, as exportações de manufaturas devem contribuir pouco para o desempenho do setor industrial em 2019, principalmente com a crise da Argentina, um dos principais parceiros comerciais do setor.

No entanto, diante da grave crise fiscal, os riscos internos seguem importantes. Nesse sentido, o ritmo do avanço das reformas pode influenciar o desempenho do setor industrial, ainda que seus impactos mais relevantes fiquem para os anos posteriores. Mesmo assim, se conseguir encaminhá-las a contento deve haver um avanço da confiança e espaço para uma retomada mais firme da atividade industrial. Caso contrário, com o agravamento das contas públicas, a indústria tende a ter um desempenho menor em 2019, assim como toda economia brasileira.

No cenário básico, a produção brasileira deve crescer 3,2%. Já no estado, a produção deve aumentar um pouco menos, por conta da base maior, +3,0%. A atividade industrial gaúcha, medida pelo IDI/RS, deve registrar uma expansão de 3,9%.

No cenário superior, as taxas aceleram para, respectivamente, 4,2% (produção do Brasil), 4,2% (produção do RS) e 5,6% (IDI/RS). No cenário inferior, a expansão da produção nacional desacelera para 2,0%, movimento que será mais intenso na produção gaúcha (+1,4%), reduzindo também o avanço do nível de atividade para 2,4%.

**Tabela 3.3. Perspectivas para a produção industrial do Brasil**

(Var. % acum. no ano)

	2017	2018*	Cenários 2019**		
			Inferior	Base	Superior
Indústria extrativa	4,5	0,4	3,1	4,0	5,0
Indústria de transformação	2,3	2,9	1,5	2,9	4,6
<b>Produção industrial</b>	<b>2,5</b>	<b>2,5</b>	<b>2,0</b>	<b>3,2</b>	<b>4,2</b>

Fonte: IBGE/PIM-PF. \*Estimativa FIERGS/UEE. \*\* Previsão FIERGS/UEE.

**Tabela 3.4. Perspectivas para a indústria do RS**

(Var. % acum. no ano)

	2017	2018*	Cenários 2019**		
			Inferior	Base	Superior
Faturamento real	3,9	4,1	3,9	6,3	7,6
Compras industriais	-1,3	10,6	2,8	5,3	8,8
Utilização da capacidade instalada	1,2	2,0	1,1	1,5	1,9
Massa salarial real	1,2	-2,6	1,0	2,6	3,5
Emprego	-1,1	0,9	0,7	1,2	1,7
Horas trabalhadas a produção	-1,6	0,1	2,8	3,5	4,2
<b>Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)</b>	<b>0,4</b>	<b>3,0</b>	<b>2,4</b>	<b>3,9</b>	<b>5,6</b>
<b>Produção industrial</b>	<b>0,5</b>	<b>4,7</b>	<b>1,4</b>	<b>3,0</b>	<b>4,2</b>

Fonte: IBGE/PIM-PF. FIERGS/Indicadores Industriais do RS. \*Estimativa FIERGS/UEE. \*\* Previsão FIERGS/UEE.